

# Noticias do Algarve

SEMANÁRIO REGIONALISTA

EDITOR E PROPRIETÁRIO — Armando Rocha Cruz

DIRECTOR — JOÃO ADELINO DIAS PENA

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — RUA PINHEIRO CHAGAS, 21 — TELEFONE 59  
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

ANO V — N.º 222 — Domingo, 8 de Setembro de 1957

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO — TIPOGRAFIA SOCORRO  
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

EXCELSIOR

As melhores tintas para navios de pesca e de comércio

Telefone 12  
Depositarário nesta Vila:

MANUEL DA SILVA DOMINGUES

AVENÇA

## CARTA DE LONGE Considerações a propósito

A falta da noção dos deveres, é tara que alastra nos tempos que vão correndo. Ultrapassam-se limites, sem respeito pela dignidade alheia; procura-se

um bem-estar, a que não há direito, em prejuizo da colectividade; desprezam-se as boas normas da moral; e apregoando liberdade, impõe-se barreiras ao pensamento.

A revolta é o forte dos contrariados; dos que sentem fugir-lhe

POR

J. CARVALHO E RÊGO

## NOVO VICE-PRESIDENTE da Câmara Municipal

A folha oficial publicou a nomeação do sr. Pedro Martins Socorro para o cargo de vice-presidente da Câmara Municipal desta vila.

Pessoa geralmente considerada na nossa terra, terá ensejo em evidenciar, no desempenho destas funções administrativas, as suas conhecidas qualidades de inteligência e espírito de iniciativa.

A posse, que se efectuará conjuntamente com a do novo presidente, sr. Matias Barroso Gomes Sanches, terá lugar na Sala Nobre da Câmara Municipal da nossa vila, pelo Ex.º Sr. Governador Civil de Faro, no próximo dia 11 do corrente pelas 18 horas.



## Comandante LUÍS FIGUEIREDO

Pelo Conselho Administrativo e Técnico da Liga dos Bombeiros Voluntários Portugueses, foi concedida a Medalha de Ouro, com duas estrelas, ao sr. Luís Acácio Cardoso de Figueiredo, prestimoso e dedicado comandante da Corporação dos Bombeiros Voluntários desta vila.

Pelo merecido e altamente honroso galardão, apresentamos ao nosso prezado amigo, sr. comandante Luís Figueiredo, cordiais cumprimentos de felicitações.

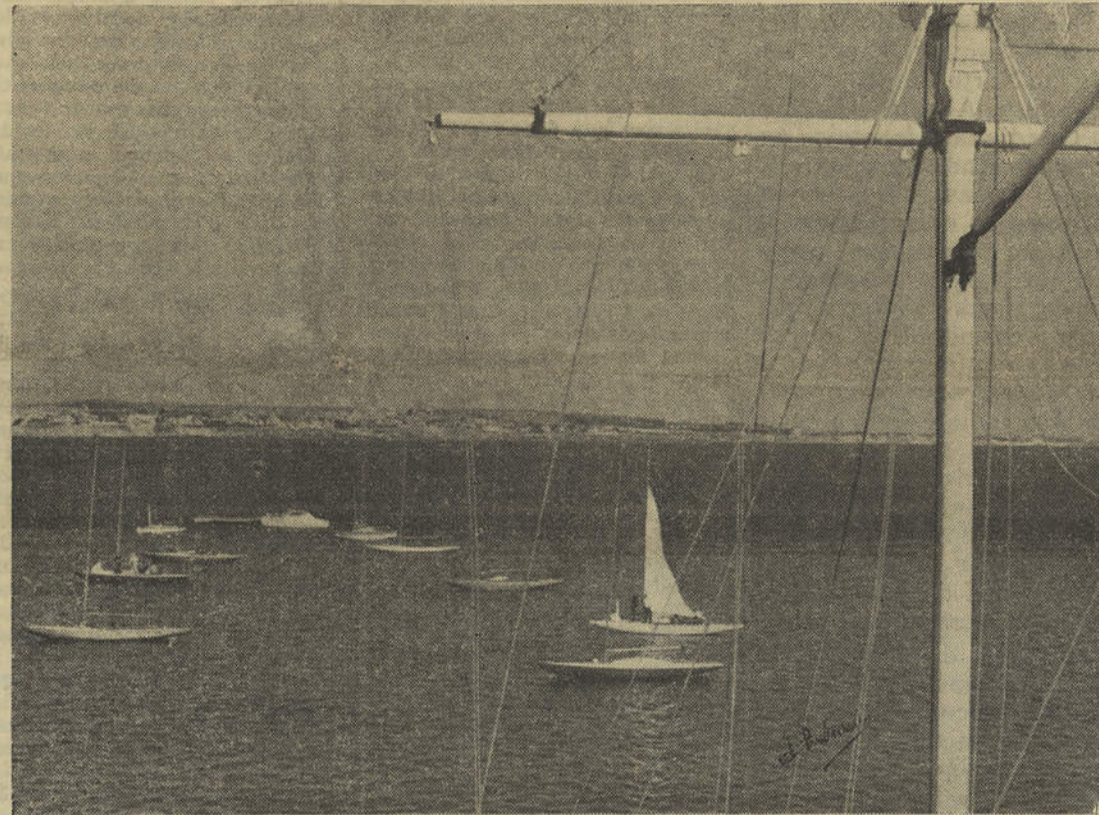
o terreno onde pretendem semear as ideias avançadas da sua imaginação doentia e sem limites.

Firme nos bastiões da velha guarda, a tradição mantém-se como força invencível; e o mundo transviado regressará a uma nova era de compreensão e de inteligência, de paz e de sossego.

Do Brasil chega-nos a notícia de que o P.º Hosana Sequeira assassinou a tiros de revólver o Bispo D. Francisco Expedito Lopes.

Este caso esporádico de um padre matar um bispo, causou, com certeza, além da natural comiseração pela vítima, uma geral indignação pelo criminoso que é mais uma triste revelação da fal-

(CONCLUI NA 3.ª PAGINA)



Espectáculo de sempre renovados encantos, que poderemos disfrutar na nossa terra, quando o entusiasmo da juventude local se virar para o mar — e as entidades responsáveis lhe proporcionarem os meios indispensáveis para isso

## OS DESPORTOS NÁUTICOS

### EM VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

Na linda baía de Cascais disputou-se a quinzena internacional de Vela. Transcendente e empolgante demonstração desportiva que entusiasinou, não só os aficionados da vela, como até aqueles que lhe são indiferentes, mas que, no entanto, sabem sentir fortemente quando está em causa o nome de Portugal, acompanhando ansiosamente os resultados obtidos pelos velejadores portugueses.

Foram quinze dias de grandioso espectáculo, vendo-se a

bela baía coalhada de velas brancas, representando, se a memória não nos falha, vinte e oito nações que, desde o longínquo Japão até à nossa vizinha Espanha, vieram num abraço fraterno — como só o desporto pode dar — saudar este «jardim à beira mar plantado», berço de grandes navegadores, impulsionador dos descobrimentos marítimos. E é consolador verificar que as nossas tradições marítimas se mantêm, pois, não só agora o comportamento

(CONCLUI NA 4.ª PAGINA)

## UM SONETO ESPANHOL

# UM ACHADO NO SERTÃO

IV

DEPOIS de quatro anos passados no litoral do Congo, a casa inglesa Hatton & Cookson entendeu que eu era o empregado idóneo capaz de erguer dos escambros a feitoria pitoresca do Chiassano, outrora florescente e rendosa.

O escocês que lá estava encarregou-se de afugentar toda a clientela abundante que vinha das montanhas do Maiombe, gente submissa e trabalhadora.

## COMPARTICIPAÇÃO PARA ALBUFEIRA

Pelo Fundo Desemprego, concedeu o sr. Arantes e Oliveira à Câmara Municipal de Albufeira 30.000\$00 (reforço) para a construção da esplanada da praia (1.ª fase).

O Gilson era um empregado robusto, impulsivo e amável mas desmanchava-se sob a influência

## MARGOS ALGARVE

do alcool. Bebia destemperadamente.

Apareci lá de surpresa, com uma carta de ordens do gerente para o substituir logo que chegasse.

Empalideceu ao ler a carta e tornou-se sensível à transmissão de poderes. O inventário fez-se rapidamente, sem atritos, e ele regressou à casa-chefe, no Chioloango.

Os carregadores e a tipóia que me trouxeram foram também os que o levaram para o litoral.

Acompanhei-o ao embarque do escalor que o levou para a outra margem da extensa lagoa.

Agradeceu-me a deferência com

(CONCLUI NA 3.ª PAGINA)



## FESTAS DE ALCOUTIM

Realizam-se nos dias 13, 14 e 15 deste mês as tradicionais Festas de Alcoutim, que este ano apresentam um largo programa de diversões.

No dia 13 será apresentado o Rancho Folclórico Infantil de Alte; no dia 14 o grupo «Nuestra Señora de La Cinta» de Educación y Descanso de Huelva, que foi o detentor do 1.º Prémio do Concurso Internacional de Clangollen (Inglaterra), e, para finalizar as festividades, no dia 15 exhibir-se-á o conhecido «Trio Ode-mira», que tanto êxito tem alcançado na Emissora Nacional e na Televisão Portuguesa.

Durante as três noites, no recinto das festas haverá animados bailes, abrilhantados por uma conhecida Orquestra.

Pela imponente destas festas e pelo seu variado cartaz, estamos certos que acorrerão a Alcoutim inúmeros forasteiros.

## CONCURSO DAS CONSTRUÇÕES NA AREIA

Foi adiado para o dia 17 do corrente, o Concurso Infantil de Construções na Areia, na Praia de Monte Gordo.

# FÉRIAS EM MARCHA

São João da Degola. Meu filho insta comigo para na tarde irmos dar um passeio. E à hora combinada aparece com

## DRAGAGEM da barra do Guadiana

Iniciaram-se, finalmente, no passado dia 2, os trabalhos da dragagem da barra do rio Guadiana, operação a que se procede sob a orientação e a cargo de entidades oficiais portuguesas e espanholas, conforme acordo firmado entre os dois países.

Antigamente, estes trabalhos iniciavam-se, normalmente, em Junho, prolongando-se até fins de Outubro. Fazemos votos, portanto, para que o facto de só agora se iniciar a dragagem — um pouco tardiamente, segundo os entendidos —, não afecte o movimento regular dos navios que a demandam.

## Conta Gotas

Por D. MARIA MANUELA NUNES

### Dolce Farniente

Bailam círculos  
sombrias rápidas  
nos olhos semi despertos.

Longe  
uma canção embala-me  
colmata-me as feridas  
solta-me  
para o quarto de hora de pátio  
de todos os penitenciários.

Tão pouco feita sou  
para não ser de cá...  
tão pouco feito azenho  
para deitar a âncora  
neste chão movediço...  
Nesta contradição impiedosa  
me debato.

Tem — porque não confes-  
[sá-lo? —  
a luta empolgante.

Quanta vez invejel  
o rosto de aço  
os olhos de aço  
os caminhos de aço  
o saber firme aonde ir  
o conhecer  
por uma estranha, universal  
comunicabilidade  
entre os milhões de ramos da  
[floresta  
aquele aonde o pássaro divino  
floresce e recebe.

Lembro  
— André Gide, parece-me —:  
«Quem partir de certezas  
terá dúvidas;  
quem partir de dúvidas

(CONCLUI NA 2.ª PAGINA)

## PRESIDENTE da Câmara Municipal DE LOULÉ

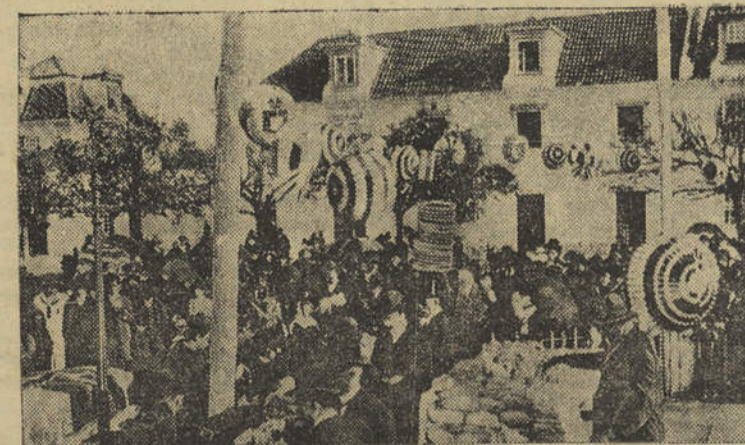
Na passada quarta-feira, pelas dezassete horas, realizou-se no gabinete do sr. Governador Civil de Faro, o acto da posse do sr. José João Ascensão Pablo no cargo de presidente da Câmara Municipal de Loulé.

Vice-presidente do Município, exercendo, interinamente, a presidência há algum tempo, o sr. José Ascensão Pablos tem desenvolvido naquele importante e progressivo concelho algarvio uma brilhante actividade administrativa.

A cerimónia, presidida pelo sr. dr. Baptista Coelho, ilustre chefe do distrito, foi largamente concorrida por individualidades não só Faro e de Loulé, como dos restantes concelhos do Algarve.

Ao ilustre louletano, sr. Ascensão Pablos, o «Notícias do Algarve» apresenta cumprimentos de felicitações, desejando-lhe os maiores êxitos do desempenho da sua missão.

## ÁGUAS PASSADAS AS IMponentes FESTAS DA VILA EM 1921



A Praça Marquês de Pombal embandeirada em arco, para comemoração de vulto — em tempos que já lá vão...

Esta vila portuguesa celebra, em datas já marcadas pela tradição do seu povo, as «Festas da Vila» que muito bem se poderiam denominar de festas

de acções de graças à Padroeira que durante o ano, protegeu com a sua capa misericordiosa a agricultura, o comércio e a indústria, afastou os deuses malignos e trou-

xe o progresso a fortuna e o bem estar.

Assim na nossa vila, realizam-se em honra de Nossa Senhora da Encarnação, as tradicionais «Festas da Vila», que têm lugar nos primeiros dias do mês de Setembro.

Temos em nosso poder um dos números da «Foz do Guadiana» que nos dá um relato integral do que foram essas festividades no ano de 1921, quanto se revestiram de rara imponência.

As festas em honra da nossa Santa Padroeira realizaram-se nos dias 3, 4 e 5 de Setembro.

Dias antes dos festejos, teve lugar a «Festa da Flor» onde cooperaram as mais gentis meninas da nossa terra, tendo a venda das flores artificiais, de que faziam venda, resultado numa importante verba para o custeamento de parte das festas da rua.

A gentil comissão era constituída pelas Ex.ªs Senhoras: D. Jú-

(CONCLUI NA 3.ª PAGINA)

Noticias PESSOAIS

Partidas e Chegadas

Em gozo de férias, encontra-se em Monte Gordo, acompanhado de sua família, o nosso prezado amigo e assinante sr. Alberto de Sousa Oliva, funcionário superior do I. P. C.

Regressou há dias a esta vila, depois de ter percorrido vários pontos do País, acompanhado de sua esposa, o nosso prezado amigo sr. José Pereira Oliveira, piloto-mor da barra do Rio Guadiana.

Em Lisboa, em casa do nosso prezado amigo e assinante sr. Avelino Vicente, encontra-se o sr. José Afonso Cavaco, de Odeleite, que dentro em breve será submetido a uma melindrosa operação cirúrgica.

Regressou a Lisboa, depois de ter passado as suas férias na Praia de Monte Gordo, o nosso prezado amigo e assinante sr. Américo Salas Medeiros.

A passar as férias em companhia de sua família, encontra-se nesta vila o nosso estimado amigo sr. Francisco Medeiros Aleixo.

Pela passagem do aniversário natalício da sr.ª D. Irene Alvarez Marques da Costa e do sr. António Manuel Marques da Costa Rocha, recebemos do nosso prezado amigo sr. António Cordeiro Marques da Costa a quantia de 50\$00, que será distribuída pelos pobres protegidos pela Junta de Freguesia.

Em companhia de sua esposa e gentis filhinhas, encontra-se nesta vila o nosso prezado amigo e assinante sr. José Simões Grave.

A assistir às festividades de N. S.ª da Encarnação, esteve nesta vila o nosso conterrâneo sr. dr. Sezinando de Oliveira Rosa.

Em casa de seus pais, encontra-se nesta vila o nosso prezado amigo e assinante sr. Avaro Campero Munhos, estudante de Enfermagem na Universidade de Coimbra.

Encontra-se nesta vila, acompanhado de sua esposa e filho, o nosso prezado amigo e conterrâneo sr. João Rodrigues Palma.

Acompanhado de sua irmã, encontra-se em férias, nesta vila, o nosso prezado assinante sr. António Guerreiro Soares.

Regressou da sua viagem de turismo pelo Norte do País, acompanhado de sua esposa e filha, o nosso prezado amigo sr. Reinaldo dos Santos Madeira.

Encontra-se em Setúbal, em casa de sua família, a sr.ª D. Maria Florência dos Santos, residente em Castro Marim.

Vinda de Lisboa, encontra-se em Castro Marim a sr.ª D. Carlota Pires, acompanhada de seu esposo e filhos.

Encontra-se já em Castro Marim o sr. António de Sousa Laginha, que foi submetido a uma melindrosa operação em Faro.

Depois de umas curtas férias na nossa vila, seguiu para Lisboa o nosso prezado conterrâneo e assinante sr. dr. Jorge Lopes Bonança.

Tivemos o prazer de cumprimentar na nossa Redacção o nosso prezado assinante sr. José Afonso Henriques, residente nas Furnasinhãs.

Com sua esposa e filhos, regressou a Lisboa o nosso prezado amigo e assinante sr. Jorge Azev de Mascarenhas, que esteve a passar a época balnear na Praia de Monte Gordo.

Regressou do Azinhal, onde esteve a veranejar, acompanhado de seus filhos, a sr.ª D. Carminda Cavaco Cardoso, esposa do nosso assinante sr. Francisco de Sousa Cardoso.

Encontra-se em Serpa, a prestar serviço na agência da Caixa Geral de Depósitos, Crédito e Previdência, o nosso prezado assinante sr. António Ferreira Mendes, tesoureiro da mesma instituição, nesta vila.

Tivemos o prazer de cumprimentar nesta vila o nosso prezado amigo e assinante sr. Teófilo Rita Nêse, residente em Lisboa, que, com sua família, deve seguir por estes dias em digressão para Espanha.

Nascimento No passado dia 1 do corrente,

PRAIAS E TERMAS DE PORTUGAL

BANHADO pelo Atlântico a Oeste e a Sul, Portugal tem uma costa marítima de mais 800 quilómetros toda emoldurada de praias.

Desde Moledo do Minho, junto à fronteira com a Galiza, ao Norte, até Vila Real de Santo António, na foz do Guadiana e fronteira às terras da Andaluzia, ao Sul, essas praias revestem-se de todas as características, doiradas pelo esplendoroso sol meridional, e apresentam-se umas como grandes centros cosmopolitas, outras na sua configuração natural, umas com os atractivos dos bons hotéis e casinos, outras com seu recolhimento primitivo. Todas, porém, de areais imensos, de águas límpidas e iodadas, servidas por boas estradas e dispondo de meios adequados ao turismo.

A partir do Norte e citando apenas algumas, o viajante encontra: Moledo, Praia de Ancora, Ofir, Póvoa de Varzim, Vila do Conde, Leça de Palmeira, Foz do Douro, Granja, Espinho, Duradouro, Costa Nova, Figueira da Foz, S. Pedro de Muel, Nazaré, Santa Cruz, Ericeira, Praia das Maças, Guincho, Cascais e as praias da Costa do Sol, Caparica, Sesimbra, Arrábida, Troia, Sines, Praia da Rocha, Monte Gordo, Albufeira, etc.. Centenas de outras praias se encontram na costa portuguesa, onde crianças e adultos, portugueses e estrangeiros, encontram a saúde, o sossego e o sortilégio de encantos sem par.

Mas o País dispõe também de incomparáveis termas e estâncias de vilegiatura. Nelas encontram os doentes e os fatigados cura e repouso indispensáveis, mormente quando vivem em países ou províncias ultramarinas de climas tropicais.

Também desde o Norte até ao Sul, a Natureza foi pródiga em beneficiar Portugal em águas medicinais excelentes, desde Melgaço, Monção, Gerez, Caldela, Vizela, Vidago, Pedras Salgadas, Luso, Curia, Urgeira, Caldas da Rainha, Monfortinho, Castelo de Vide, Monchique e tantas outras.

O mapa dessas praias e termas, a valorização turística de que têm beneficiado, as condições de clima e o ambiente de paz em que se vive, tudo isso aliado às características de veraneio e curativas de tais praias e estâncias fazem de Portugal um país ideal de turismo.

num quarto particular da maternidade do Hospital desta vila, deu à luz uma robusta criança do sexo feminino a sr.ª D. Fernanda Pires Duarte, professora do Ensino Primário, esposa do nosso prezado amigo sr. Ernesto Duarte, conceituado comerciante da nossa praça.

Mãe e filha encontram-se bem.

Casamentos

Na igreja paroquial desta vila, realizou-se no passado dia 5 do corrente o casamento da sr.ª D. Maria da Conceição Felizardo Sabino, filha da sr.ª D. Maria Coelho Felizardo Sabino e do sr. Joaquim Sabino, já falecido, com o sr. Joaquim Moreira Parra, filho da sr.ª D. Custódia da Encarnação S. Moreira Parra e do sr. José Pedro Pires Parra.

Paraninfaram o acto, por parte da noiva, a sr.ª D. Maria Antónia Guerreiro Ritta e o sr. Eng.º João Manuel Barroso; e, por parte do noivo, sua cunhada, sr.ª D. Maria Inês Molarinho Parra, e seu irmão, sr. Albano Moreira Parra.

Aos noivos, que seguiram em viagem de núpcias para o norte do País, desejamos muitas felicidades.

PROVINCIA

ODELEITE

Animais em liberdade Em número anterior deste jornal fizemos referência ao pouco espírito de solidariedade e respeito pelo trabalho dos outros que têm determinados possuidores de animais de raça mular, da presente criação.

Animais de 4, 5 e 6 meses em completa liberdade, apesar de ser hábito que não pode fazer lei, dá um aspecto desagradável. Os restos já comidos só têm troços, e nada mais natural que os animais em liberdade busquem, por instinto de conservação, os sítios onde vegeta erva; e é precisamente dentro das plantações, que agora começam a revigorar, onde é o seu habitual paradeiro.

Além da ingratidão das intempéries, que não deixaram produzir o necessário, vai o resto com as tais «mulinhas».

Quem possui éguas para criação tem que ter propriedades suas, ou de outrem à sua responsabilidade, e, portanto, reputam-se de certa e regular categoria, que os factos contradizem.

Quanto melindrosos, que nem as moscas podem passar no que lhes pertence, olvidam o sagrado trabalho dos seus semelhantes durante uma primavera inteira.

Qualquer animal adulto, em liberdade, é menos prejudicial que 2, 3 ou 4 «mulinhas» em conjunto, comendo, correndo e devastando, e, por consequência, com mais direito a multa que as mães.

Obras Hidráulicas do Guadiana

Está a ser reparado o posto das Passadeiras. Pelo que nos informam, é pequenissima a verba despendida em relação ao necessário. Basta dizer-se que o leito da ribeira serve de campo, relvado, para jogo de bola aos «miúdos». E' quase completo o assoreamento da ribeira, em regular extensão, a montante e juzante desta aldeia.

Noticias pessoais

Depois de passar uns dias de licença, nesta localidade, já regressou a Evora, acompanhado de sua esposa e filho, o sr. Miguel João, empregado dos C.F.P.

Também depois de passar uns dias de licença, retirou para Montemor-o-Velho, acompanhado de seus filhos e esposa, o sr. António Rodrigues Dias, empregado da J. A. E.

Em gozo de licença, encontra-se entre nós, com sua esposa e filha, o sr. Amândio Manuel, comandante do posto da G. N. R. de Martinlongo.

Nascimento

Na sua residência, deu à luz uma criança do sexo masculino a sr.ª D. Vénus dos Santos Teixeira, esposa do sr. Mário Rodrigues Dias. Como, após o nascimento, se agravasse o estado da parturiente, seguiu para o hospital de Castro Marim, onde, com intervenção médica, lhe foi extraída outra criança, esta do sexo feminino, já morta. - C.

PELA CÂMARA MUNICIPAL

CANTINA ESCOLAR

Pelo Subsecretário do Tesouro, foi autorizada a construção de uma Cantina Escolar, nesta vila.

CONSTRUÇÃO DE UM COLÉGIO

A Câmara Municipal vai vender uma parcela de terreno junto da Escola Masculina, num total de 5.250 metros para a construção de um Colégio.

CASAS ECONÓMICAS

Vai ser cedido à Federação das Caixas de Previdência, para construção de casas para operários uma parcela de terreno de 2.400 metros e uma outra com 1.250 metros para casas de Renda Económica, no lado sul desta vila.

CASINO OCEANO

A Câmara Municipal deliberou adquirir, um novo piano de cauda para o Casino Oceano, de Monte Gordo.

NOVA ESCRITURÁRIA

Foi nomeada escriturária da Câmara Municipal, a sr.ª D. Maria Lisete Pessanha Travassos.

ESPERANÇA R. ADRAGÃO JOSÉ VICTOR ADRAGÃO

Agradecemos todas as atenções recebidas, durante os 23 anos da sua residência nesta vila, e despedem-se de todas as pessoas das suas relações e amizade, oferecendo a sua casa na cidade de Lagos, rua Conselheiro Joaquim Machado, n.º 61.

TAVIRA

Derrama

Para encargos hospitalares e respectiva assistência, foi autorizada a Câmara de Tavira a lançar uma derrama, pela taxa de 10 por cento, aos contribuintes das contribuições gerais do Estado deste concelho, mas apenas por um ano e cumulativamente com aquelas contribuições. Lemos esta notícia nos jornais da Capital e estranhámos a mesma, porquanto o ano passado, como aqui escrevemos, foi autorizada uma derrama para o Hospital de Tavira, de 8 %, por dois anos, e ainda esta não acabou já outra vai começar.

A Série Negra

Todos os dias os diários portugueses registam e assinalam dezenas de desastres de viação, com mortos e feridos, que as estatísticas, a seu tempo, dirão quantos foram. Mas, pelo noticiário dos jornais, ficamos com a impressão de que os condutores de veículos motorizados, mais dos que o não são, como bicicletas e também carros de tracção animal, pretendem alcançar nas suas corridas, estradas fora, as velocidades registadas pelos aviões de jacto e pelos supersónicos. Pelos vistos, nem o Código das Estradas, nem a vigilância das mesmas pelos respectivos polícias têm conseguido fazer baixar as taxas das vítimas dos desastres rodoviários. Com tudo isto, estamos de acordo. Só não compreendemos porque é que as motos, motocicletas, scooters, etc., cometem todas as faltas às regras de trânsito, agravadas com um barulho ensurdecedor dos motores, a qualquer hora do dia ou da noite, sem respeito pelos doentes e pelos que precisam de descanso.

Festas e Romarias

Agosto e Setembro são meses tradicionais de festas e romarias. Não há terra que não festeje o seu orago nestes meses, banda de música que não tenha trabalho. Temos visto passar por Tavira bandas de música a tocar, a caminho de Vila Real ou de Espanha, deferência que é sempre de agradecer. Tavira, de «nobres tradições musicais», continua há mais de um mês sem música no seu Jardim Público, onde outrora graddes concertos musicais se ouviam. No entanto, a Câmara, com boa intenção, continua a contribuir com a sua mensalidade. O Verão está a acabar, seguindo-se o Inverno de dias que não permitem concertos musicais. As tradições de Tavira vão morrendo por incúria dos homens ou por insuficiência de dirigentes? Dizia alguém de respeito: «Uma terra é tanto mais admirada e agradecida quando lhe deem aos seus municípios: Música, festas e cultura».

UM CASO DE CONSCIÊNCIA

Vinte e cinco anos de trabalho exaustivo em benefício do próximo, procurando suavizar dores, mitigar desgraças, corrigir defeitos e aperfeiçoar costumes, bem merecem um pouco de respeito, alguma simpatia e bastante amparo moral e material.

No entanto, há muita gente boa que parece não reparar nessa obra de puro bem-fazer, que nasceu espontânea e que, sem perguntar como pensam os que a ela recorrem, procura esclarecer e redimir sem apresentar contas e sem solicitar subserviências.

O leitor, já ouviu, deserto falar na Liga Portuguesa de Profilaxia Social e talvez conheça, embora vagamente, um pouco da sua obra, que se tem feito sentir, neste quarto de século, em muitos sectores da vida pública do País, combatendo costumes nocivos, como o do pé descalço e outros e propugnando pela salubridade da habitação, defendendo a língua pátria atacando o vício, a doença e a miséria nos seus próprios focos de infecção.

Mas, caro leitor, permita que lhe perguntemos o que tem feito para ajudar a cruzada desta Instituição?

Concorda, sem dúvida, com os seus postulados e a sua acção, e aplaude as suas campanhas e conferências. Mas que faz para apoiar esse esforço?

E faz-se essa pergunta porque, sendo a Liga uma instituição puramente particular, vive apenas das quotizações dos seus contribuintes.

Sem eles muito pouco se poderá fazer. Por outro lado, se o seu número aumentar todos os seus serviços receberão nova seiva, permitindo a multiplicação de tão beneméritos esforços. Já pensou, leitor amigo, no que seria a Liga de Profilaxia se os seus recursos económicos não fossem tão limitados?

Se não pensou, pense, por favor e dê-lhe a prova material da sua estima e da sua simpatia. E' um caso de consciência.

Manuel Francisco Rodrigues

Contos Góticos

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

conhecerá a certeza...

Quero ter dúvidas. Quero debater-me. Quero sofrer de inquietações contraditórias. Não quero ser a terra onde nada acontece. Não quero ser a chuva que não cai e assim não dá tempestades nem flores. Prefiro ser o erro pelo preço de vir a ser verdade.

Bailam círculos vivos nos meus olhos imóveis. Bailo no meu repouso, imóvel. Bailo, agito-me, estrebuchou, como a borboleta no casulo.

Manhã na Praia

Que parasse ao menos esta canção de fúria! Que o bestial à solta recolhesse!

Que ninguém extramuros me ajudasse — ah!, tenho orgulho bastante para tomar sozinho o sol do inferno! — Que de ninguém a mão piedosa meu cabelo revoltado acariciasse...

Mas que parasse aos menos a voz de gesto americanizado que povoa de esgares a manhã pueril.

Outra manhã

A manhã é um tecido de risos e de música nas ondas, de exclamações de prazer.

Que emocionante, afinal, é o jogo do ring! Que belos, que de estétua os gestos do rapaz jogando a [bola!]

Não me engana o sentido. A paz é a primeira figura da companhia. Ei-la vestida de mar de céu de luz

de meninos jogando o ring de cargueiro inglês rumando o [porto] de gavota cujas asas tem a [forma das ondas].

A paz sou eu sentadinha na areia bordando esta manhã no bas-tidor.

A senhora gorda à mesa da esplanada

O que quero? Sei lá... Espere um pouco. Mas... é indispensável, absolutamente querer alguma coisa?

Acha que sim? Olhe... A juventude, não? E' pedr muito? Bem, traga-me um dia só que seja.

Um dia de olhos vivos com todo o sangue a latejar [nos pulsos].

Ou uma noite amorosa... — a noite que sonhei e nunca tive... —

Um cruzeiro aos mares do sul, talvez. Não? Espere... Traga-me a cintura menos [grossa] e uns sapatos trinta e cinco... o busto um pouco mais... «de- [sirable]...

o olhar semicerrado dos homens quando eu passasse...

Traga-me um refresco e bolos. Maria Manuela Nunes

Novos Assinantes

Novamente esta semana damos os nomes de novos assinantes, que contribuem assim para que o nosso Jornal possa dentro em breve realizar a sua maior ambição, que é a de aumentar as suas páginas e a sua missão regionalista.

Do sr. Avelino Vicente, que mais uma vez nos mostra a sua dedicação pelo «Notícias do Algarve», a sr.ª D. Oliveira das Dores Teixeira.

Srs. Encarnação Viegas; Herculano José Forra; Dr. António dos Santos Contreiras; Dr. Manuel Pereira Rodrigues Clarinha; Dr. Manuel Pacheco Nobre; Dr. José Machado Ribeiro Lopes; João da Silva Pena; José João Ascensão Pablos; Marcolino R. da Silva Rosa; António Guerreiro Rita e António Ramos Rosa.

A todos agradecemos reconhecidamente o bom acolhimento do «Notícias do Algarve».

AGENDA

MOVIMENTO DA LOTA de Vila Real de Santo António De 31 de Agosto a 6 de Setembro:

Table with 2 columns: Name and Amount. Includes Traineiras (Sul, Infante, Aldita, Audaz, Pérola do Guadiana, Triunfante, Janita, Levante, Pinguim, Norte, Lenita, Libertá, Flor do Guadiana, Raulito, Rajada, Agadão, Tufão, Conceicanita, Tozé, Maria Rosa, Mogador, Flor do Sul, Costa Azul, Brisa, Deolinda Rita, Deus te guarde, Restauração, Estrela do Sul, Noroeste, Sr.ª da Piedade, Trio) and Cercos (Novo Machado, Novo S. José).

Total 592.394\$00

Movimento de Navios no Porto de Vila Real de Santo António De 31 de Agosto a 6 de Setembro:

Table with 2 columns: Name and Destination. Includes GORGULHO (Português, de Setúbal), MARIALUISA (Italiano, de Leixões), ARBEDO (Suíço, de Olhão), SHELL II (Português, de Lisboa), SCHWANECH (Alemão, de Antuérpia), MIRA TERRA (Português, de Lisboa), MIRA TERRA (Português, para Lisboa), GORGULHO (Português, para o Funchal), MARIALUISA (Italiano, para Portimão), ARBEDO (Suíço, para Génova), SCHWANECH (Alemão, para Hamburgo), SHELL II (Português, para Lisboa).

FARMÁCIA DE SERVIÇO Está de serviço permanente, de 7 a 13 de Setembro, a Farmácia SILVA, Rua Miguel Bombarda, — Telefone 64.

Assine o «Notícias do Algarve» e contribua para o desenvolvimento da Imprensa Algarvia.

hérnia O célebre especialista Internacional INSTITUT Herniaire de Lyon

garante-vos o sucesso rápido e definitivo, graças ao método moderno, sem moia e sem pelota

MYOPLASTIC-KLÉBER

Leve, ligeira, lavável, este verdadeiro «músculo de socorro» reforça a parede abdominal e contém a hérnia no seu lugar

«Como se fosse com as mãos»

Vinde fazer um ensaio, ficareis maravilhados.

Vila Real de Santo António — Farmácia SILVA — Dia 21 de Setembro.

Tavira — Farmácia Eduardo Félix FRANCO — Dia 23 de Setembro.

Faro — Farmácia HIGIENE — Rua Ivens, 22 — Dia 24 de Setembro.

Portimão — Farmácia CARVALHO — Dia 25 de Setembro.

Lisboa — Farmácia PORTUGAL, LDA. — Rua Augusta, 218 — Todas as sextas-feiras e sábados.

## UM SONETO ESPANHOL

## UM ACHADO NO SERTÃO

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

que o tratei, abraçou-me e os seus olhos turvaram-se de lágrimas. Eu fitel-o com piedade por ver aquela fogosa mocidade calcinada e desfigurada pelo álcool; e ele, rapaz culto e inteligente, já sabia de antemão que era um homem lançado ao mar...

Renovei tudo: sistema de negociar, pontualidade no trabalho, mudança de pessoal e sobriedade e disciplina.

Um único preto, correcto e trabalhador, deixei-o ficar. E verifiquei mais tarde que esse negro também possuía outras qualidades raras na sua raça — era fiel e leal, o pobre Tiongo!

Conservei-o ao meu serviço os dois anos que habitei no sertão. A despedida, ofereci-lhe a maior parte dos meus fatos, das minhas camisas e gravatas. O Tiongo, porém, gostava de se apresentar *quitoco*, o termo característico da gente nobre da região.

Tinha ainda este serviço a vantagem de conhecer vários dialectos, o que muito facilitava a permuta entre os vendedores e o comprador.

No dia em que abandonei a feitoria para regressar à Europa, o Tiongo colocou-se à frente do pessoal e acompanhou-me à ponte de embarque.

A todos dei lembranças, e ao fiel escudeiro negro uma libra em ouro e um afectuoso aperto de mão. Ele bem merecia essa prova de amizade da parte de um branco que lhe reconheceu valiosas qualidades morais.

O meu colega Charles Petit appareceu-me inesperadamente em um domingo, depois do chá da manhã.

Dirigia a feitoria do Luango e tratava dos embarques para a Europa.

Havia entre nós apenas a troca de três ou quatro cartas comerciais, falando das remessas de produtos coloniais que eu lhe remetia através do rio Massabi.

Recebi-o com atenções reservadas de pessoa que se vê a primeira vez.

Falava bem o francês e o português e transmitiu-me curiosos episódios da sua estadia em África, as suas convicções políticas e a sua intimidade com João Chagas, então deportado em Luanda como preso politico.

Escutei-o com pouco interesse e um tanto frio no trato com ele.

Ofereci-lhe um almoço abundante e variado, com vinhos finos e doces de conserva. Comeu bem e bebeu com sofrível gula, alegre e parlador até ao final do almoço. Depois foi repousar em uma cadeira de braços, na varanda da casa, e dormiu um reparador sono de três horas.

Acordou e deu ordem aos seus pretos de se prepararem para o regresso a casa.

Despediu-se de mim com demorados apertos de mão, o pedido insistente para dar um passeio até à sua vivenda no Luango.

Passou por duas raparigas casadas e dirigiu-lhes gracejos pesados, aos quais elas não corresponderam.

Depois da sua partida, chamei o Tiongo e formulei-lhe esta pergunta:

— Conheces o sr. Petit? A gente desta região gosta dele ou não? Olhou-me de frente, tossiu e respondeu-me:

— Conheço-o de perto e ninguém daqui gosta dele. Mulheres casadas e solteiras, e mesmo homens, olham-no com ódio e desprezo.

Ele e o sr. Gilson bebiam à bruta e maltratavam os pretos.

Quase todos os domingos vinha aqui ou o sr. Gilson ia ao Luango...

Não precisei ouvir mais para aquilatar os dotes do francês e do inglês.

E, no íntimo da consciência, flutuava a recomendação do guarda-livros da firma, Charcosset, a prevenir-me quando lhe apresentei as minhas despedidas:

— Cuidado com o Charles Petit... Oh! tem um passado esquisito!...

Hoje, resolvi pagar-lhe a visita e simplificar as nossas relações comerciais e pessoais.

Três domingos mais tarde, após me endereçar cartas e bilhetes de convite para ir passar com ele um dia inteiro, fui.

Cheguei ao Luango cerca do meio dia. Calor e mosquitos à farta.

Pelo rio até à foz do Massabi, não faltaram cavalos marinhos, jacarés e macacos pelas margens do rio solitário, com árvores seculares a atestarem as eras primitivas.

Ao nosso almoço assistiram dois oficiais do Exército francês, por ali ocupados em delimitação de fronteiras.

O Congo era todo nosso, mas um dia distante os franceses levaram-nos algumas centenas de quilómetros. Anos mais tarde, a

conferência de Berlim de 1884, levou-nos a maior parte. A Inglaterra, a Alemanha e a França, amigavelmente, ofereceram o que era nosso ao rei Leopoldo da Bélgica.

E assim a História e a Geografia passaram a inscrever nas suas páginas o Congo Belga, o Congo Francês e o Congo Português, sendo o nosso o mais pequeno dos três...

Os amores dos reis e das rainhas custam muito caro às nações pequenas, quer elas estejam unidas ou desunidas!

O meu achado no sertão descreve-se em poucas linhas.

Charlotte, francesa de nascimento, contava quinze anos de idade, fora educada na missão católica do Luango e era, nesse tempo, uma gentil rapariga. Não direi que a vi e amei, como os românticos dessa época ousavam declarar.

Via-a e simpatizei com essa crioula insinuante, víçosa e meiga.

Não se tratava de uma inocente, ingénua e pura, mas de uma rapariga que tinha vivido seis meses com um súbdito da rainha Guilhermina...

Davam-se bem nessa solidão de paz.

Um dia, porém, em que o holandês fez anos e bebeu genebra e coraçau à doída, o aniversário terminou com uma estúpida tarja que o sr. Ficher applicou na Charlotte. O desfecho deu-se na madrugada seguinte: ela, ergueu-se cedo, emalou vestidos e jóias, regressando à casa materna.

Ele só acordou a altas horas do dia, desfigurado, sujo e sonâmbulo...

Chamou o seu moleque privado e perguntou pela senhora. O preto, perfilado e respeitoso, balbuciu:

— A senhora fugiu e disse-me não mais voltar para a sua companhia...

O holandês soltou um grunhido agudo e correu a emborcar mais genebra.

Quando conheci Charlotte, estava ela a concurso.

Apareceram outros pretendentes, sendo eu o preferido, naturalmente por me julgar o mais novo e o menos marreiro.

Três dias depois do nosso encontro, a francesa dava entrada no meu solar — com todas as honras possíveis e imagináveis.

A mãe, com ar solene, fez-me a sua entrega em termos lisongeiros e protocolares.

Passaram-se dois meses idilicamente, juntos, sorrindo, como duas aves felizes na solidão do Paraíso...

Após a terceira visita da minha dedicada sogra, Charlotte adoeceu gravemente. Dores horríveis entraram a martirizá-la dia e noite, e ela, coitadinha, gemia alto, contorcendo-se afilivamente.

Preveni-a que ia mandar chamar um cirurgião de fama, de um povo próximo. Opôs-se tenazmente. Garantiu-me que só o cirurgião do seu povo conhecia a doença e o tratamento a seguir. Pediu-me, portanto, para a deixar transportar-se a casa da mãe, que de lá voltaria curada. Transigi. Mandei-a acompanhada pelo Tiongo e outro preto, ambos carregados de mercadorias para a minha so-

gra pagar todas as despesas a fazer com a filha.

O dinheiro português, francês ou inglês não circulava; aguardente, pólvora, tecidos e conservas eram a moeda corrente nos pagamentos a realizar.

É provável que hoje esse sistema monetário se tenha modificado.

A minha simpatia pela Charlotte nada tinha de artificial. Com uma pontualidade inglesa, mandava todas as semanas presentes à minha sogra e à filha, apesar de viverem longe de mim, elas em território francês e eu em território português.

O pobre Tiongo caminhava léguas pelo mato povoado de feras e cobras venenosas. Uma noite chegou tarde de mais, andando eu com receio pela sua vida e saúde da minha saudosa amante.

Chegou tarde, cabisbaixo, taciurno, e deu-me a medo, esta nova fluminante:

— Senhor, sua mulher não está no povo... Voltou para o holandês!

Atônito, pasmado, inqueri:

— Quem te disse essa infâmia?

— Um homem da minha família, debaixo de segredo...

Levei o Tiongo à casa de jantar, dei-lhe pão, carne assada, conserva de atum e uma garrafa de vinho verde de Amarante, e recomendei-lhe:

— Vai jantar, descansa, e nada digas de tudo isto passado com Charlotte...

— Esteja sossegado a esse respeito. O honrado preto cumpriu a sua palavra.

No outro dia, logo de manhã, mandei chamar o Tiongo e entreguei-lhe mais mercadorias para a minha sogra e este recado verbal:

— Não quero que falte coisa alguma à minha querida Charlotte... A mãe que venha já com dois moleques para levar mais mercadorias para a cura da filha...

Tiongo, sem pestanejar, atravessou de novo o sertão africano, e eu fiquei afagando o meu plano concebido nessa noite de cólera e tristeza.

No dia seguinte, Tiongo regressou acompanhado da *minha sogra* e dois moleques. Risonha e afável, apertou-me a mão e deu-me saudades da *desventurada* filha que permanecia muito doente!

Levei-os todos a um armazém amplo, de grades e colunas de ferro; fechei a porta e amarrei os dois moleques e a sogra com pesadas correntes.

— Tiongo — gritei — dá-lhe palmatoadas até ela confessar a verdade toda...

E o castigo começou, pausadamente, com requintada fúria; ela berrava, mas eu estava impassível. Por fim, contou a cilada e os presentes recebidos do holandês para lhe restituir a filha.

O tribunal indígena reuniu e condenou-a pagar-me o dobro das mercadorias que de mim recebera.

Pareceu-me que vingara assim todos os genros enganados pelas sogras...

Regressando à Europa, encontrei nos «Trabalhos Forçados», de João Chagas, a biografia de Charles Petit, um miserável que o grande jornalista conheceu nas cadeias da Relação do Porto.

Não é uma biografia vulgar; é uma verdadeira autópsia feita a um criminoso nato.

## CARTA DE LONGE

## Considerações a propósito

(CONCLUSÃO DA 3.ª PAGINA)

ta da noção do dever, e das liberdades que uma grande maioria se arroga de poder dar largas aos seus baixos sentimentos e, por vezes, aos seus maus instintos.

Queria manter-se na sua vida desonesta, o padre; quis chamá-lo à boa razão, primeiro, e castigá-lo depois, o Bispo.

O Bispo cumpriu o seu dever, como prelado; o padre, fora de todas as leis canónicas, enquanto pregava a doutrina de Cristo, dava os piores exemplos, faltando aos seus votos, sem respeito pela sua dignidade, nem pela sua qualificação de fiscal da moral que, abusivamente, não observava.

Sabemos que os padres são homens; mas também sabemos que ninguém os obriga ao sacerdócio. E ainda sabemos mais, que todas as vezes que o celibato é posto em causa, em concílio, têm sido os próprios padres de opinião que ele se mantenha. Está bem? Está mal? Não nos compete a nós resolver este assunto.

O sacerdócio não é um emprego; não é uma profissão; é uma vida de sacrifício, que merece todo o respeito, quando exercida por quem alle às suas palavras, aos seus escritos, às suas acções, os mais salutaros exemplos.

«Quem não quer ser lobo, não lhe veste a pele».

«O Rei em Camisa», velha história que Ramalho de Ortigão inseriu em «As Farpas» (1874), e que o «Notícias de Macau» ultimamente publicou, é uma variante de um conto de origem oriental, e uma das melhores sátiras dirigidas a todos aqueles que julgam ver mais do que realmente vêem, e fazem de si um juízo muito superior àquele que, de facto, merecem.

Ser da opinião dos que ocupam lugar de destaque, é fácil, cómodo e, por vezes, rendoso. Manter opiniões próprias e manifestá-las com independência e desassombro,

## JANTAR DE HOMENAGEM

Conforme noticiámos no nosso último número, realizou-se no restaurante «Caves do Guadiana», o jantar de homenagem ao sr. António Ruivinho, digno presidente do Lusitano Futebol Clube.

Prestaram homenagem ao incansável presidente deste simpático clube que tantas vezes tem honrado a nossa terra no desporto nacional, 35 convivas.

Em primeiro lugar usou da palavra o sr. Jacinto Correia, secretário do Lusitano, que leu os numerosos telegramas de felicitações ao homenageado.

Pouco depois tomou a palavra o sr. Augusto Tavares que felicitou o sr. António Ruivinho, seguindo-se os srs. rev.º Prior Galhardo Palmeira, Luís Félix da Silva, Desidério Rosa, António Samúdio e Manuel Horta, que prestaram homenagem ao presidente do Lusitano e historiaram a vida difícil deste simpático agrupamento desportivo.

No final o homenageado agradeceu.

bro, é elegância moral e prova de bom carácter.

A atitude dos ministros perante a real vestimenta, que só existia na imaginação astuta e pérfida do tecelão, não é só daquela época: é de todos os tempos. E não se deu só com aquele ingénua e vaidoso rei da Arábia. Essa atitude cómoda e reles, é de todos os tempos; de todos os dias!

Mal vai ao chefe que se não cerca de gente honesta e leal, para poder levar a cabo a sua obra.

O conto, de novo publicado, é uma sátira especialmente dirigida à vaidade dos que se deixam incensar com elogios que não merecem, mas de que se julgam merecedores.

É claro que, como aconteceu àquele rei imaginário, quanto mais alto se sobe, maior é o trambolhão: se à subida não presidiram merecimentos e valores que a determinassem.

A classificar o tecelão, está o prémio, por este, solicitado ao rei: Um título! No fundo também o tecelão era vaidoso, pois desprezou todo o dinheiro que poderia receber, por um título que o colocasse em situação de destaque entre os da sua laia. De uma forma ou de outra, são muitos os que pretendem seja o que for que os distingua: Daí, as lutas travadas em ocasiões de sufrágio, seja qual for o motivo que determine as eleições, que representam sempre, com raras excepções, a vontade de quem mais tem, ou de quem mais pretende, e quase nunca o desejo dos eleitores ou dos votantes que, em geral, se submetem por imposição, ou por motivos de qualquer conveniência.

O conto publicado pelo insigne escritor e crítico mordaz, que foi Ramalho de Ortigão, é um conto que vem sempre a propósito, como mais uma lição oriental que devemos ler com atenção, para podermos compreender toda a sua moral.

É um conto da Idade Média, tão abocanhada nos tempos que vão correndo, mas que nos deixou luzes e realizações, que se não apagam e dificilmente se atingem.

A bandeira portuguesa nunca foi tão discutida como nos primeiros dias da implantação da república, e agora que se fala, com insistência, na restauração da monarquia.

A mudança de regime é um facto que se regista em várias épocas e em alguns países: São variantes políticas; convulsões psicológicas, que o tempo se encarrega de esclarecer e acalmar.

Assim como as guerras entre vários países, também os povos lutam entre si; ou instigados por aqueles que querem o poder, ou pela sedução criada por ideias que se apresentam como novas e, afinal, não são mais do que a repetição de velhas fórmulas governativas.

A história repete-se; e não há forças humanas que lhe travem a sua marcha triunfal.

O regime monárquico em Portugal representa oito séculos de realizações, as mais admiráveis que jamais outro país poderá registar na sua história. Merece, pois, o respeito e a gratidão de todos os portugueses. O regime republicano nasceu numa época de grandes agitações políticas, que se mantiveram até 25 de Maio de 1926, data em que o País entrou numa nova era de sossego, realizações e progresso.

De 28 de Maio até cá, trabalharam para o engrandecimento do país, monárquicos e republicanos; todos os portugueses que se uniram, sob a égide do grande estadista Salazar, para juntamente lutarem pelo bem da Nação.

Se o povo português quiser a restauração da monarquia, ela voltará. Se o povo se quiser manter sob o regime republicano, ele se manterá. Foi o povo que implantou a república? Seja o povo a restaurar a monarquia.

Mas voltando à questão da bandeira, entendemos que ela deve voltar às suas antigas cores azul e branca. De resto, sem mais argumentos, foram as cores por que se bateu, depois da implantação da república, e insigne poeta o grande republicano Guerra Junqueiro.

Macau, Agosto de 1957.

J. de Carvalho e Rêgo

## CONSTRUÇÃO

## DE TRÊS TRAINIRAS

O estaleiro naval do sr. António Pena, redobra novamente a sua actividade, com a construção de três traineiras, mandadas construir pela firma «Simar» do sul de Angola.

Estas novas embarcações destinam-se para a pesca da sardinha e do atum.

## ÁGUAS PASSADAS...

## AS IMponentES

## FESTAS DA VILA EM 1921

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

lia Caissotti, D. Maria Helena Ghira Lima, D. Irene Pereira Rodrigues, D. Laura Capa, D. Hersilia Ghira Lima, D. Catalina Pego, D. Pepa Abecassis Vargas, D. Clara Abecassis Vargas, D. Maria do Carmo Abecassis, Maria Eliza Tavares, D. Elvira Lima, D. Emília Lima, D. Elvira Leiria, D. Célia Hygino, D. Julieta Carrilho, D. Rosália Toscano e D. Francisca Barbosa.

O programa das importantes festas, «um largo programa illustrado que antes parece uma revista americana de alta propaganda», incluía detalhadamente as inúmeras festas religiosas e profanas, que durante esses três dias revolucionariam o espirito pacato do nosso povo.

Os promotores da festa, srs. Júlio Mendes e José Fernandes Piloto, diz a crónica de então, que foram incansáveis para a boa realização das festividades.

Estariam presentes duas magníficas Bandas de Música, que durante os três dias fariam as delicias do povo, que se deslocou em grande massa à Praça Marquês de Pombal, onde a custo se poderia romper até junto do «Coreto».

No rio haveria regatas, pau de sebo e fogos presos. Os fogos de artifício e iluminações estiveram a cargo do sr. Manuel da Cruz Costa de S. Brás de Alportel.

Na Praça funcionou durante os três dias uma vistosa barraca onde estava instalada uma *Kermesse*, com valiosos e artísticos prémios doados por particulares que escolhiam para tal fim, as mais lindas prendas.

As festas religiosas, as mais importantes e imponentes, tiveram um largo programa, que seria maçador innumerar na íntegra.

Celebraram-se solenes *Matinas* no dia 3, no dia 4 *Missa de Pontifical* com sermão pelo Rev.º dr. Detgado nosso conterrâneo e à tarde com grande afluência de povo, que enchia completamente as ruas safu a procissão da Nossa Senhora da Encarnação, pregando ao recolher o Rev.º Padre Rodrigues, prior de Castro Marim e igualmente nosso conterrâneo.

Nas três noites das festas, houve *tríduo* na Igreja Paroquial, sendo pregador o reputado orador sacro, Rev.º prior Baptista, de Paderne, tendo as suas orações agradado à assistência que enchia por completo toda a Igreja.

Durante os dias das festividades em honra da cossa Santa Padroeira, a vila esteve repleta de forasteiros, que eram atraídos pela fama que corria por todo o Algarve, destas tão imponentes festas.

«Um dos números das festas que merece especial menção, foi o concerto de domingo, no Teatro Alexandre Herculano, pela Banda de Infantaria 4 que executou a primor um programa selectissimo com inteiro agrado e justa apreciação da assistência».

No passado domingo, teve lugar a «Festa da Vila», que se reuniu a um único dia, no que diz respeito a festas profanas.

Pelo que ouvimos de pessoas idosas, as festas de hoje nada são que se possa comparar com as realizadas há vinte ou trinta anos.

No entanto, nós estamos certos que com mais auxílio do povo e mais boa vontade das comissões organizadoras talvez para o ano próximo, essas festas terão a imponentia que uma vila progressiva e moderna como a nossa o exigem.

Estes são os nossos votos.

A. de Mendonça

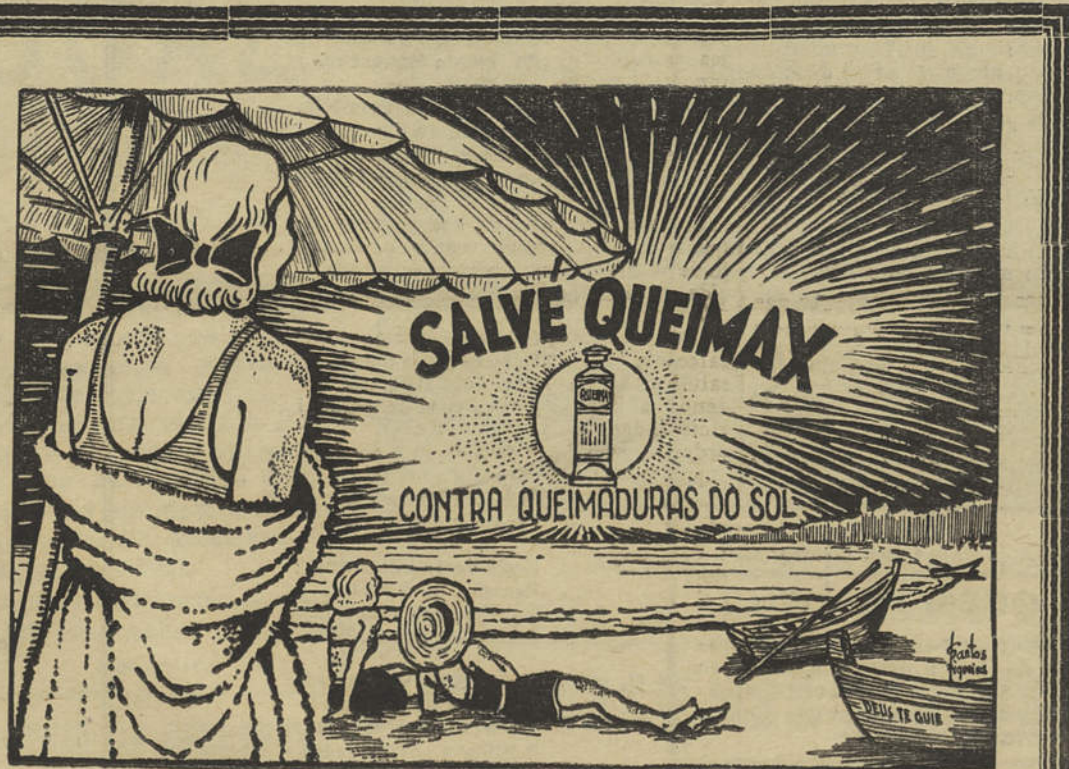
## JÚLIO PADESCA

PUBLICIDADE GERAL

Estudos — Produção — Corretagem

TELEFONE 55450

Rua de Santa Marta, 76 — LISBOA



Não deseja os seus filhos com vermelhões nem queimaduras do Sol? Friccione-os, levemente, com QUEIMAX, produto indispensável a todos os Banhistas.

À venda nas Farmácias e Drogarias

Simple ou... com água  
Peça em toda a parte...

AGUARDENTE  
VELHA  
KOPKE  
1638

Prefira a melhor...  
Prefira Kopke

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

lhos ainda crianças, dávamos grandes caminhadas.

Há um intenso movimento pela estrada poeirenta que nos leva até ao mar.

Caminham por ela muitas pessoas e devem somar centenas as bicicletas armadas a um e outro lado da estrada.

O casino está em ebulição. Sente-se que lá dentro há um baile animado. Cá fora na esplanada não cabe mais ninguém além dos que já estão abançados a beber.

Vamos até à praia onde pulula uma imensa multidão. Há grupos estendidos na areia em volta dos farnéis que trouxeram de casa com o garrafo ao lado fazendo sentinela e há muitas mulheres vendendo bolos e aguardente em cima das características mesinhas.

Destaca-se, cambaia, mas querendo sustentar parte senhoril uma barraca com bolos.

Assim acontece a tantos que para aí vamos querendo arremedar linha de nobreza: — cambaios, tristemente cambaios, faltando-lhes em educação o que lhes sobeja em soberbia.

Vamos até lá; nós devíamos ter desconfiado daqueles ouropéis; os bolos eram intragáveis cozinhados com azeite rançoso.

Mais uma vez se confirmou que nunca devemos ser arrastados pelas aparências e mais uma vez fomos ludibriados.

Mantas multicolores atadas a varas espetadas no chão servem de toldos.

Vê-se que a assembleia é constituída na sua quase totalidade por gente da serra que segundo uma antiga tradição desce neste dia ao mar para tomar um banho de purificação e, para muitos, um necessário banho de limpeza.

Mas esse espectáculo foi de manhã. Agora é o das libações e passeios pela praia. Gentes que quiseram ter o seu dia de folga a seguir a um penoso ano de trabalho. É uma válvula, espécie de escape de segurança, e alívio, que lhes dá a ilusão de que são livres. É uma evasão de si próprios.

Respeitemo-los nessa sua ambição.

Observemos os que passam: enganam-se julgando-se felizes. É tudo gente da serra, meus irmãos no berço.

Alguns trazem calções para melhor se ludirem — numa hora passam uma temporada na praia.

Entre eles desperta-nos a atenção um que se destaca pelo seu ar fásicante: é cor de púrpura muito vivo e arrasta um coro de admirações. Que pena não vir de braço com aquela menina que acabalava no nariz uns óculos de inconcebíveis cores; rosa tinto e que, por sua vez, também suscitava aplausos.

Meus pobres amigos como se iludem...

O vosso valor não está aí. Não queirais imitar a cidade nas suas loucanias e casquilhices. Deixai-a lá que se vos cruze os braços o que será dela? Talvez os molejos se convertam em lágrimas.

Subimos à estrada. Mostro desejo de conhecer a velha Cabela, aquela que se armoriou na História de Portugal.

Mas aí, parece que o que dela restava o arrecadou o mar. Cá está a igreja a marcar pergaminhos. Entrámos com a devida autorização na fortaleza. Percorremo-la toda e reconhecemos que o seu traçado não é de muitos recuados anos. As pedras velhinhas e sagradas dos primitivos fortes lá estão no fundo do mar acompanhando a velha povoação. Nem na morte se quiseram separar.

Entretanto tenho cuidado na subida das escadas. Um pé em falso pode provocar uma entorse. E lá terel de ir à mesinha-deira para me o coser; «Carne quebrada, nervo torto...» e que um cliente já muito idoso e surdo, depois de altas berrarias e supondo ter compreendido, traduzia — «Carne de vaca, vinho do Porto...»

Pois senhores, quando eu tornar a escrever já será de outras regiões. Que isto um professor em férias é como um passarinho livre de gaiola — falta-lhe o pãoço mas sobra-lhe a ansia de voar.

Trindade e Lima

Visado pela Comissão de Censura

CONCURSO DE PESCA DESPORTIVA EM FARO

Realiza-se no próximo dia 15 do corrente, patrocinado pelo Clube dos Amadores de Pesca de Faro, um concurso de pesca desportiva na ria Faro-Olhão, entre associados daquela colectividade.

Aos vencedores do concurso serão entregues valiosos prémios, entre os quais avultam 6 vistosas taças.

Noticias do Algarve

SEMENARIO REGIONALISTA

Director João A. Dias Pena Editor e Proprietário Armando R. Cruz

CRÓNICAS IRREQUIETAS

XVIII

A Apologia do Amor

O amor, através dos tempos tem sofrido da parte dos poetas, golpes fatais que arrastam Cupido pelas ruas da amargura, e traduzem o seu pesar por rimas cruéis em que o amor é espeznhado e revolvido, no entanto apesar de todos estes ataques ele tem persistido através dos tempos, como um elo que liga a Humanidade entre si.

No intuito de darmos algumas opiniões, devidamente abalizadas, com o concurso de certas meninas e rapazes da nossa vila, decidimos fazer uma entrevista relâmpago, donde se poderão tirar algumas conclusões engraçadas, claro que essas conclusões são meramente pessoais.

A entrevista começou quando encontramos junto das Caves, um grupo de alegres raparigas, que ainda discutiam os sucessos das Festas da vila.

A nossa pergunta, do que entendiam por Amor, disse-nos a primeira:

— O amor é uma casca de Banana, quem escorrega caí!

A seguir a mais espetada delas todas, disse-nos rapidamente:

— O amor é um Baralho de cartas, tudo depende de como estão embaralhadas, às vezes pode sair um As...

— De Paus?, perguntámos nós. — Não, de Copas.

Agradecemos as definições, e prosseguimos a nossa rota, quando junto de um banco do jardim, deparámos com um grupo muito alegre, onde destoando, uma menina de ares melancólicos cantava:

— Era uma vez, a história de um Amor...

A nossa pergunta a dita menina, olhou-nos mesmo nos olhos (ficámos todos corados) e disse-nos:

— O Amor é uma lotaria, às vezes pode sair premiado e...

— E quê?...

— Sai-lhe a «taluda».

— Ah!!!

A companheira da esquerda, disse depois de pensar um bocadinho:

— O Amor é um saco de batatas, quanto mais se ata mais se desata.

— E você que nos diz, sobre o Amor? Esse bichinho que roí, roí, mas sabe bem?

— A meu ver, o Amor é um moinho, quanto mais roda, mais moe.

— Mas moe o quê?

— Moe o juízo.

Retirámo-nos e demos com um rapaz muito amigo nosso, que se prontificou a dar a sua colaboração, pois segundo rezam as más línguas, é muito dado a amores:

— O Amor é uma bota, só cada um é que sabe onde lhe aperta.

Para terminar, fomos ao encontro de um amigo nosso, célebre pensador, que nos disse com um ar muito circunspecto:

— O Amor, é um náufrago, quanto mais se grita e gesticula, mais uma pessoa se afunda.

E assim demos por terminada esta nossa Reportagem-Relâmpago, e exalá seja do agrado dos entrevistados.

Segundo fomos informados, a corrente poética, está a desenvolver-se assustadoramente na nossa terra, até há pouco soubemos que uma menina muito conhecida, tem estado a dedicar-se ao Soneto, para dar à apreciação do seu mangerico.

Ditos & Mexericos

Consta que uma menina, que esteve presente no domingo no Casino dizia a uma amiga:

— Calcula tu que o senhor com que estive a dançar, disse-me que lhe tinham recomendado para dançar comigo. E sabes quem lhe tinha dito isso, foi o Manuel, aquele miliciano de há dois anos. Vê lá tu como somos conhecidas...

Diz-se que devido às Festas das Angústias, certos meninos da nossa terra, começaram uma aprendizagem intensa de certas frases em língua espanhola, para as atirarem à guisa de pipropos às «nuestras hermanas».

Como informação preciosa, garantimos que as meninas do lado de lá não percebem o «Até choras» e «Já vais aí?»

Pensa-se levar à cena a peça intitulada: «O Magala e a Sapeira», dedicada àquelas meninas que es-

te ano, vão pela primeira vez namorar com os milicianos.

Fala-se que certa menina tem tentado a Horticultura, mas no entanto consta-nos que esse amor tem andado pouco vigozo, naturalmente por falta de rega.

Consta que uma menina muito conhecida, tem estado a aprender música, pelo que leva os dias, andando de toldo em toldo, trautando o DÓ-RÉ-MI.

Antevisão

Fins de Setembro. É noite. Na gare do apeadeiro algumas raparigas. Muitas malas, um tráfego que indica o terminus das férias.

Num canto afastado: Ela e Ele. Novos. Muito novos. Olhos nos olhos, mãos nas mãos, os mesmos pensamentos. Com a voz velada e desviando o olhar para o Guadiana, ela diz-lhe:

— Eu sei que vais esquecer-me facilmente. Que vais facilmente esquecer esses momentos felizes que passámos juntos, as horas de sonho que vivemos. Os passeios na Avenida, aquelas noites no jardim, enfim... todos os capítulos que formaram o nosso pequeno romance! Grave, a voz dele fez-se ouvir:

— Mas, querida, como podes duvidar das minhas juras, das minhas promessas. Como poderei passar sem ti estes meses que nos separam?

Como podes dizer que te esquecerei se estou já a sentir...

Um silvo estridente corta a voz amorosa.

Como um monstro pré-histórico o «correio» entra na gare, parando com um tremendo chiar hidráulico.

Mais movimento. Malas, lágrimas, beijos e abraços e um semfim de cumprimentos amigos, sinceros.

As mãos deles apertam-se rápida e fortemente. (Nas localidades pequenas ainda não se usam despedidas entre apaixonados, mais amistosas. Mas é só porque parece mal... Crédo!... o que não diriam?)

Suavemente ele seca-lhe as lágrimas rebeldes que lhe rolam pelas faces rosadas.

Então, querida? Que é isso? Não chores! Adeus Amor! Escreves? Escreve, sim?... Man...

Outro silvo mais estridente. Depois o trofa... fafe... cada vez mais intenso, um lenço branco, um abraço, um adeus. Acabou! Tudo acabou... A magia das noites quentes, no jardim. A delícia dos passeios, na Avenida. O prazer dos banhos, em Monte Gordo!

Tudo!... tudo acabou!...

As amigas animam-na: Então, filha? Que é isso? — palmadinhas nas costas, abraços, etc.

— Já faltou mais tempo para as férias...

Ela cora, sorri entre lágrimas, e pergunta à guisa de desculpa: A propósito: Já vieram os milicianos para Tavira?

É claro que isto não deve suceder. Calculamos nós!

Mas porque será que ele agora não anda ao lado dela? Palavra que gostaríamos de saber porquê...

«Fulana» e o meu chapéu...

No próximo número: Relatório directo do Grande Baile «Masquê» de 1957.

Os 2 Repórteres e um Fotografo

QUEM PERDEU?

Encontra-se depositado no posto da P. S. P. desta vila, um porte moedas contendo uma certa importância, que será entregue a quem provar pertencer-lhe.

PÉ DESCALÇO

A partir de 1 de Janeiro do próximo ano, é proibido o trânsito de pessoas descalças na via pública, em todas as cidades e vilas do Algarve, por um decreto recentemente publicado.

Pela primeira infracção a multa é de 5000; pela primeira reincidência, 20000 e pelas demais reincidências, 50000 e prisão de 8 a 15 dias.

VIDA CORPORATIVA

O senhor Ministro das Corporações homologou o contrato colectivo de trabalho celebrado entre os Grémios dos Industriais de Conservas de Peixe do Barlavento e Sotavento do Algarve e o Sindicato dos operários da mesma indústria, com sede em Olhão.

Esta promulgação, que tem os seus efeitos a partir de 1 do mês de Junho passado, tornou também extensiva ao pessoal das latoarias mecânicas independentes as disposições, na parte aplicável, do mesmo contrato.

Foi confirmada superiormente a eleição dos indivíduos que compõem, durante o triénio de 1957/59, a direcção do Grémio da Lavoura de Mértola, assim distribuídos: Efectivos: Presidente, Dr. Matias José da Palma; Vogais, Dr. David Tristão de Freitas e Sousa e António Colaço Ramana; Substitutos: Presidente, João Rodrigues Palma; Vogais, Manuel Eleutério Madeira e Manuel Francisco de Brito.

Foi também sancionada a eleição dos indivíduos que constituem os corpos gerentes da Federação Nacional dos Sindicatos de Operários da Indústria de Conservas, para o triénio de 1957/59, com a seguinte composição: Conselho Geral: Presidente, José Alexandre

OS DESPORTOS NÁUTICOS

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

dos nossos velejadores foi meritório, como o tem sido em todos os momentos que têm ocasião de pôr à prova os seus conhecimentos náuticos.

Teve assim Cascais, e os milhares de pessoas que ali se deslocaram, o supremo privilégio de poderem apreciar os melhores velejadores do mundo que, fazendo alarde das suas grandes qualidades náuticas, especialmente no campeonato do mundo em Snips e da Europa em Stars, deram um movimento, um colorido, uma beleza difícil de igualar em competições desta natureza e em cenário tão maravilhoso.

Atentamos na situação geográfica do país e vemos que no seu extremo sul existe um grande rio que se chama Guadiana, banhando esta laboriosa Vila Real, de tradições marítimas, e que ao mar vai buscar os elementos necessários à sua vida, ao seu progresso. Rio extenso e largo na sua foz, de águas calmas e acolhedoras, ideal portanto para a prática dos desportos náuticos. Poucas vezes ele tem sido aproveitado, verificamo-lo com mágoa. Mas nem sempre foi assim, porque, há mais de trinta anos já, nele se realizavam regatas que

Rodrigues; 1.º Secretário, António José Ventura; 2.º Secretário, Daniel do Carmo Martins; Direcção: Presidente, António Aires Ferreira; Secretário, Valentim de Almeida; Tesoureiro, António da Graça Mira.

Deu a sua adesão ao contrato colectivo de trabalho para os motoristas a firma de Vila Real de Santo António, José Domingues Vieira Velasco.

iam desde as simples «canoas» às de barcos desportivos. Depois, o Clube Náutico local, em algumas organizações desportivas, deu certo movimento ao rio, quer na vela ou no remo. E por último, a Mocidade Portuguesa embelezou, durante alguns anos, o Guadiana com as velas dos seus barcos e a realização de algumas regatas inter-alas.

Temos de considerar que é pouco, muito pouco o movimento até agora dado, para aquele a que o formoso Guadiana se presta, e que velejar não é só competir, mas também uma fonte inesquecível de prazer espiritual.

É preciso que a juventude de Vila Real desperte para a prática dos desportos náuticos, mas também é preciso que se lhes dê os meios para essa prática. Por isso, torna-se imperiosamente necessária a reabertura do centro de vela da Mocidade Portuguesa. Por isso é também preciso que o povo e as entidades oficiais desta terra ajudem o Clube Náutico no seu ressurgimento, dando-lhe o amparo moral e material de que tanto carece. Só assim podemos pensar a sério no desporto náutico e seguir o exemplo de tantas outras terras onde o entusiasmo pela vela é grande, embora as suas condições de navegabilidade sejam de longe inferiores às de Vila Real.

Dentro de dias, vai a nossa vizinha cidade de Alentejo realizar duas regatas de Snips. Nelas tomarão parte clubes náuticos de Huelva, Cádiz, Faro, Lagos e Setúbal, e Vila Real, este com um barco cedido gentilmente para o efeito, cremos que pelo Ginásio Clube Tavirense. Oxalá elas sirvam para despertar o entusiasmo pela vela, há tanto adormecido nesta terra, e sirvam de incentivo para que, num futuro próximo, Vila Real tenha também as suas regatas.

A. Gutierrez

Assina e propaga "Noticias do Algarve"

AS ANGÚSTIAS (INÉDITO)
As angústias do passado
E as angústias do presente,
São filhas no nosso fado
E netas de toda a gente.
Seja o fado do Filário
Ou o fado do Menano;
O fado é sempre um fadário
Que nos segue todo o ano.
Desde o fado da Severa
Até ao fado da Amália;
O fado é nossa quimera
E vai às terras da Austrália.
De Coimbra ou de Lisboa
Ele corre o Mundo inteiro;
Ouve-se na Madragoa
Ao Alfredo Marcelino.
No Choupal, antigamente,
Era a voz do Paradela;
Gemia ao luar dolente
Como um canário à janela.
A Teresa de Noronha
Vem matar minha saudade;
Sua voz vibra tristinha
De amor e suavidade.
O fado do Villaret.
Feito de prosa rimada;
Deu chocolate e café
A tanta alma desgarrada.
A Amália então em Paris
Foi mesmo a louvar a Deus;
Pelo que a Imprensa me diz,
Fez rezar muitos ateus.
Neste Verão inclemente
Pensei ir ao Guadiana,
Transformado em penitente
E a dormir numa cabana...
Remindo assim os petados
Da minha vida passada;
São três dias bem gozados
A trilhar a nova estrada.
O calor chegou-me ao pélo
E ofendeu o coração;
Tive um grande pesadelo
E o terror da solidão.
— «Este órgão anda abalado,
Prejudicando os seus nervos»...
Disse o clínico chamado
Ao mais humilde dos servos.
Só deixou uma receita
Em papel branco de linho,
Para curar a maleita
Deste velho passarinho...
Rasguei a receita toda
Com um impulso brutal,
Organizando uma boda
Nessa Vila de Pombal.
Cantei o fado corrido
E pus termo ao meu jejum;
Comi o que foi servido
Com belos bifes de atum.
Depois passei a fronteira
Num bote de vela ao vento;
Resumi à brincadeira,
Descansou o pensamento.
Na outra margem do rio
Ouvi soar castanholas,
Era a viração do Estio
E o calor das espanholas.
Espanha, país de fadas
E de mulheres galantes;
As manhas são alvoradas
E as noites são diamantes...
Diamantes de negrumes,
Rosas vermelhas nas tranças,
Os seus olhos deitam lumes
E arquitectam esperanças.
Esperanças e ilusões
São os espeques da vida,
Que animam os corações
Na carreira dolorida.
As angústias espanholas
Iguais as portuguesas;
Trinam loques de violas
E vão-se embora as tristezas...
A poesia ligeira
Imprime as almas amor;
Fazja em vista essa maneira
Do gentil Campoamor.
Era um médico e poeta
Da fidalguia e do povo,
Um verdadeiro profeta
Tanto em velho como em novo.
Duas dúzias de quadrinhas,
Viçosas e palpitantes,
Parecem as entrelinhas
Do poema de Cervantes...